



Poética (i)memorial

Tempo de voltar, de Mariana Ianelli

Lyza Brasil Herranz*

“Estrelas ardem. Tempo de voltar”. Desse verso, um dos 11 mil que compõem *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, Mariana Ianelli retirou o título de seu oitavo livro de poesia: *Tempo de voltar*, publicado em 2016. Se na obra anterior, *O amor e depois* (2012), a poeta paulista se lançava a um tempo posterior, esse “depois” em que o amor é o que sobrevive à ruína e à destruição, é ato de consentimento, como a ele se refere, ou de aceitação do movimento complementar que vida e morte perfazem, agora ela retorna ao passado, sempre modificado, presentificado, “porque o amor se nutre das chamas do regresso, na potência de uma odisseia que passa da guerra ao domínio da paz, não havendo outra viagem possível, como bem sabe Mariana”, e como escreve o poeta Marco Lucchesi em seu prefácio.

A obra reúne 36 poemas, dentre os quais um mais longo, “Cave canem!”, seção à parte, e outros quatro que formam a série “Quatro poemas para oratórios-bala”. Uma foto e uma epígrafe abrem cada uma dessas seções: o claustro do Santuário do Caraça, em Minas Gerais, é a porta de entrada de “Cave canem!”, expressão cantada por Cecília Meireles: “Cave canem! – avisa o mosaico / secularmente precavido / e agora inútil”; e é também da região mineira a imagem que antecede “Quatro poemas para oratórios-bala”, como se chamam

* Mestranda em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

os “oratórios dos séculos XVIII e XIX, sobretudo da região de Minas Gerais, esculpidos em invólucro de bala de cartucheira ou recortados e torneados em madeira, em formato de bala, com entalhes da Sagrada Família em seu interior”, explica a poeta. O negro pelourinho de São João del Rei, em contraste com o céu branco, liga-se aos versos da poeta carioca Lélia Coelho Frota: “Quem não queria o rastro / de sangue. Vai, vento, vira / a página do livro”.

Mais do que ilustrações para versos, as imagens, com sua violência surda e força bruta, ajudam a construir a memória que se destrinça nesses e outros poemas, regidos pela fotografia que, à maneira dos livros de Ianelli, inaugura o percurso por toda a obra: em preto e branco, o memorial do campo de Westerbork, na Holanda. Campo de detenção e trânsito de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial, hoje abriga museu e monumentos em memória dos que foram transportados para lá, como Anne Frank e sua família, além de um observatório onde se vê a espuma luminosa do tempo: “Hoje aqui estudam o rasto fluido / de um encontro entre galáxias / chamado cauda de maré, / hoje este é um lugar para astrônomos, / uma planura a conversar com o universo”, diz a poeta em “A caminho do campo de Westerbork”.

O tema do Holocausto, que persiste como um dos motivos da poeta, é retomado também pela presença de Eva Heyman e de Etty Hillesum, jovens judias cujos diários descrevem a vida em Oradea, cidade romena que pertencia à Hungria, e Amsterdã, Holanda, durante a ocupação alemã. Etty aparece tanto na epígrafe de “Uma flor entre as páginas”, de *O amor e depois*, como na silenciosa e delicada dicção de “Uma estrela nos campos”, em que a flor, depositada agora num retângulo de jardim, desabrocha no astro reluzente: “era uma estrela nos campos, / era a mulher já sem nome do vagão número

12, / na direção do leste cantando com alegria”. A imagem evoca o canto constante e desafiador de Nawal Marwan, personagem da peça *Incêndios*, de Wadji Mouawad, que trata da guerra civil no Líbano. Mais uma vez, a aposta de Ianelli é na beleza, que, para Cristina Campo, implica “aceitar a morte, o fim do velho homem e uma difícil vida nova”.

A poeta italiana Cristina Campo, pseudônimo de Vittoria Guerrini, com quem Ianelli estabelece um dueto em “Boca e oração”, é uma das tantas vozes que colaboram na caminhada de regresso ao “elemento primordial onde não há fronteira entre o sono e a vigília”, como afirma Lucchesi. Além dos nomes já destacados, a poeta apropria-se de García Lorca para falar de António Salvado; “Para ouvir e entender estrelas” aproxima Olavo Bilac de Ana Luísa Amaral; Bioy Casares ilumina “um barco vermelho de nome Cassiopeia”. O coro de vozes se estende às dedicatórias para escritoras brasileiras: “Um lugar neste mundo” para Adriana Lisboa; “Ilhas” a Maria Lúcia Dal Farra; “Fogo lento” é de Ana Miranda; e “Costa normanda” para Marize Castro.

No silêncio meditativo em que se dá, para a autora, a criação literária, há espaço para lugares que só existem enquanto convite para imergir em águas profundas, como Oldenburg, “o navio que não chegou, / que foi a pique no Pacífico Sul”, e, no azul profundo, “azul sem anteparo”, escutar o canto de uma antiga lenda japonesa. Mariana traz ainda os tristes canibais de Goya, retratados na primeira metade do século XIX em uma série de quatro quadros nos quais o pintor espanhol introduz o motivo do canibalismo a partir de relatos de massacres cometidos no continente americano pelos índios. Mas essa selvageria está realmente nos traços europeus desses canibais: “eles mesmos se acabam / molhando os lábios e os dentes”.

Por fim, há o diálogo igualmente silencioso, mas arrebatador, que estabelece com o episódio bíblico do beijo de Judas, a que é preciso voltar, recontar – essa história e todas as outras –, sem o ódio dos que julgaram sujo um ato de amor oracular:

Os outros
(sempre os outros)
a contar sua história
a refazer seu corpo
em corpo de serragem
para matar
a pau e fogo,
os outros
a lhe tapar a boca
a desler
seu Evangelho
reputado ficção
e naquele beijo
que pintaram cínico,
naquele beijo
que imputaram sujo,
o segredo selado
entre dois cristos,
um destino
beijando outro.

Passagens bíblicas, pinturas, cantos paralelos, legados históricos e familiares –como a casa da infância perdida e reencontrada na memória, tempo ao qual se acede de modo diverso do vivido,

que é sempre o da “Última vez”: “É depois de perdida a casa / aonde chegar / [...] é depois / é ainda depois –” – unem-se para dar contornos ao volume, sobre o qual se debruça a leitora de Rembrandt, nos lembra Maria Lúcia Dal Farra na orelha do livro. E sobre o qual nos debruçamos nós, leitores, acompanhando cada passo de luz e beleza nessa viagem de *regressus ad uterum*, ao princípio do mundo que Mariana Ianelli arquitetou.